

Educação Financeira: Perfil de Educação Financeira dos Discentes de Graduação e Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior Brasileiras

SARA COSTA LEAL

Universidade Federal de Uberlândia

DINAH VIEIRA DOS SANTOS

Universidade Federal de Uberlândia

PATRÍCIA DE SOUZA COSTA

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi identificar se aspectos sociais, demográficos e econômicos estão associados com o nível de educação financeira dos discentes de graduação e pós-graduação de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras. O levantamento foi realizado por meio de um questionário *online*. Participaram da pesquisa 727 estudantes de diversas áreas de conhecimento. Os resultados foram analisados por meio de estatística descritiva, testes de hipóteses e regressão linear múltipla. Os resultados sugerem que os discentes possuem um nível relativamente alto (média geral de 5,25 de um total de 7 pontos) de educação financeira, sendo o nível de educação financeira (NEF) real (média de 5,39) superior à percepção deles sobre esse item (5,09), indicando que os mesmos subestimam o conhecimento que possuem sobre o tema. Identificou-se também que fatores distintos afetam o nível de educação financeira real (sexo e grau de escolaridade) e a percepção (trabalho, área de conhecimento e renda individual). Especificamente, os homens possuem maior NEF real do que as mulheres; os estudantes que trabalham indicaram maior NEF, percepção, do que os que não possuem ocupação; os estudantes da área de negócios, na percepção dos discentes desta pesquisa, possuem maior NEF do que as demais áreas de conhecimento; os estudantes com maior renda individual também sugeriram possuir maior NEF. Ressalta-se, que na percepção dos estudantes, a universidade não tem sido uma fonte relevante de conhecimento sobre educação financeira. Esses resultados permitem concluir que o fato dos estudantes subestimarem o nível de educação financeira que possuem pode apontar que pesquisas que avaliam apenas a percepção do estudante podem apresentar resultados enviesados. Além de *insights* para futuras pesquisas, esses achados também são relevantes para instituições de ensino superior avaliarem as políticas instituídas para auxiliar os estudantes no desenvolvimento de habilidades com finanças pessoais.

Palavras chave: educação financeira, percepção, nível real de educação financeira, fatores socioeconômicos e demográficos.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira é um fator preponderante na vida das pessoas, no âmbito familiar, social, escolar, profissional e individual (Cude, Lawrence, Lyons, Metzger, LeJeune, Marks & Machtmes, 2006). Quando inserida desde a infância por meio da família e da escola, o conhecimento financeiro torna o indivíduo capaz de gerir seus recursos e fazer escolhas adequadas na adolescência e, conseqüentemente, na vida adulta (Gorla, Magro, Silva & Nakamura, 2016).

Entretanto, alguns estudos evidenciam que jovens universitários possuem **baixo nível** de alfabetização financeira (Alves, Silva & Bressan, 2011; Cude et al., 2006). As consequências disso, vão além da má gestão de seus recursos durante e após o período universitário e do endividamento, podendo interferir na saúde e no desempenho do estudante no curso (Bodvarsson & Walker, 2004; Cude et al., 2006;). Assim, “caso não ocorra uma melhoria neste processo, os futuros adultos podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus próprios recursos e os gastos de suas famílias” (Gorla et al., 2016, p. 20).

Quando analisados os meios de estudantes universitários adquirirem educação financeira, a oferta de cursos sobre finanças pessoais oferecidos na faculdade mostra-se como uma ferramenta eficaz (Peng, Bartholomae, Fox & Cravener, 2007). Neste sentido, alguns autores encontraram correlação positiva entre a educação financeira e o curso de graduação em Ciências Contábeis (Alves et al., 2011; Dias, 2017; Lizote & Verdinelli, 2014; Medeiros & Lopes, 2014; Silva, Costa & Oliveira, 2017), como também em cursos da área de negócios, como Administração, Economia e também Ciências Contábeis (Lopes et al., 2014; Vieira, Bataglia & Sereia, 2011;), indicando que os alunos desses cursos possuem um maior nível de educação financeira. No entanto, são escassos os trabalhos que medem o nível de educação financeira de alunos graduação e pós graduação de outras áreas de conhecimento (Ergün, 2017).

Na literatura são encontrados alguns estudos sobre a relação de aspectos socioeconômicos e demográficos com a educação financeira (por exemplo: Gorla et al., 2016; Lizote & Verdinelli, 2014; Potrich, Vieira & Kirch, 2015;). Entretanto, o resultados dessas pesquisa não são unânimes, a maioria mensura o nível de educação financeira considerando a percepção dos estudantes (sem levantar o conhecimento real dos discentes sobre o assunto) e outras variáveis, como moradia e quantidade de dependentes foram pouco abordadas (Ergün, 2017; Potrich et al., 2015). Assim, pesquisas que considerem esses fatores são salutares.

Assim, diante desse contexto, o objetivo desta pesquisa é identificar se aspectos sociais, demográficos e econômicos estão associados com o nível real e com a percepção dos estudantes de graduação e pós-graduação de IES brasileiras sobre o nível educação financeira. O presente estudo mostra-se necessário para identificar o perfil dos jovens universitários pelo relevante impacto que o nível de educação financeira e a gestão de seus recursos têm durante e após o período acadêmico. Além disso, busca-se identificar se a percepção do nível de educação financeira é diferente do nível real.

Ao relacionar a educação financeira com os cursos de Ciências Contábeis, Administração e Economia, comumente espera-se algum nível de conhecimento e/ou interesse em educação financeira dos estudantes desses cursos quando comparado a outros cursos. Isto se justifica pelo fato de o tema estar diretamente atrelado a capacidade exigida pelo profissional e estudante desses cursos, somando-se ao fato de que na grade curricular dos cursos mencionados são oferecidos conteúdos que envolvem conhecimentos de educação financeira. Assim, os resultados desse estudo podem auxiliar a coordenação dos cursos na avaliação do conteúdo sobre educação financeira presente nos projetos políticos pedagógicos dos mesmos. Uma das possibilidades é incluir na grade curricular a disciplina de finanças pessoais, pois há uma carência em abordar o tema em disciplinas dos cursos superiores considerando as várias áreas de conhecimento (Felipe, Oliveira & Botinha, 2016).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Financeira: definições e estudos anteriores

Cerbasi (2005) afirma que ao estudar os aspectos culturais de um povo é possível identificar traços que o definam em grande parte, como por exemplo, o seu comportamento. Conceção que também se aplica ao povo brasileiro, quando analisadas as atitudes financeiras quanto ao planejamento pessoal. Segundo o autor, percebe-se que na cultura brasileira há a

necessidade de acumular e exibir bens materiais para que uma pessoa defina a linha de chegada da riqueza própria ou para que se sinta financeiramente satisfeita.

Esses fatos, somados às estratégias de *marketing* e ao crescimento tecnológico, diminuem a distância entre o consumidor e o produto, aumentando as oportunidades de obtenção do mesmo. Porém, de acordo com Vieira et al. (2011), o mercado exige dos cidadãos um alto nível de conhecimento em finanças pessoais, para que haja um consumo consciente e investimentos que melhorem o bem-estar financeiro. Todo esse panorama expõe a necessidade de conhecimento e prática na gestão dos recursos, também denominada educação financeira, utilizada em alguns trabalhos como alfabetização financeira (Bahovec, Barbić & Palić, 2017; Xiao & Porto, 2017).

Vieira et al. (2011) afirmam que a educação financeira é o que torna possível a união entre os indivíduos na sociedade, fazendo do mercado um ambiente de eficiência e competição. Além disso, as pessoas que tem preparo financeiro são capazes de fazer escolhas certas, principalmente quanto a gestão de suas finanças pessoais. Assim, a importância da educação financeira se deve ao fato de que ela faz parte do cotidiano das pessoas, embora o tema seja pouco discutido em publicações acadêmicas e científicas (Felipe et al., 2016; Piccoli & Silva, 2015; Vieira et al., 2011).

Lopes et al. (2014) apontam que as pessoas devem saber utilizar bem o dinheiro, não se deixando levar por tudo o que é oferecido pela mídia. Dessa forma, quanto mais estiverem preparadas em como lidar com as finanças, maior contribuição haverá para sua educação financeira. E esta, por sua vez, crescerá à medida que o conhecimento for colocado em prática nas experiências do dia a dia.

Para mensurar a educação financeira alguns autores analisaram a percepção - o nível de conhecimento que o respondente pensa ter - e o nível real de educação financeira - o nível de conhecimento que o respondente realmente tem sobre finanças (Huzdik, Béres & Németh, 2014; Xiao & Porto, 2017).

Na literatura são encontrados trabalhos em que os autores utilizaram a atitude financeira e o conhecimento sobre finanças pessoais das pessoas como um meio de mensurar a educação financeira real (Alves et al., 2011; Ferreira, 2017; Lopes et al., 2014; Piccoli & Silva, 2015; Savoia, Saito & Santana, 2007). Um questionário aplicado a alunos universitários utilizou as variáveis conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira divididas em seções para mensurar a educação financeira real, no estudo de Lopes et al. (2014). Os resultados apontaram um rendimento bom quanto a atitude de poupar e ruim na atitude de controle de despesas. No âmbito do comportamento, o aspecto positivo foi percebido pelo pagamento em dia da fatura do cartão e o negativo pelo fato de que não possuíam reserva maior que três meses de salário. Por fim, quanto ao conhecimento, os aspectos positivos e negativos estavam relacionados ao assunto de produtos financeiros.

Ferreira (2017) mensurou o nível de educação financeira real por meio do conhecimento sobre finanças pessoais de alunos de uma universidade pública por meio de questionários. Os resultados mostraram que os alunos têm nível regular de educação financeira e que possuem dificuldades em lidar com investimentos pessoais, planejamento financeiro, reservas financeiras e aposentadoria. O que pode ser causado pela falta de alguma orientação familiar ou profissional quanto a gestão de seus recursos, pois apesar de 60% dos alunos não trabalharem, deduz-se que recebam alguma renda para cobrir os gastos na universidade.

Huzdik et al. (2014) analisam um escritório de auditoria da Hungria sobre o conhecimento financeiro real de 1.743 alunos do ensino superior. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário que continha itens que mediam o nível de conhecimento financeiro dos respondentes com questões teóricas e práticas e a percepção dos estudantes quanto aos próprios conhecimentos sobre finanças. Os resultados apontaram que 59% dos alunos tinham

nível real de conhecimento de finanças e economia, em contrapartida 11% subestimaram o seu conhecimento e 30% o superavaliaram.

Xiao e Porto (2017), usaram a alfabetização financeira objetiva (AFO) e a subjetiva (AFS), tidas como conhecimento e autoavaliação do conhecimento financeiro, respectivamente, para medir a influência das mesmas na associação entre educação e satisfação financeira. Os dados utilizados foram obtidos por meio do *National Financial Capability Study* (NFCS) e o estudo recomendado pelo *Investor Education Foundation*. Os resultados apontaram que a alfabetização financeira subjetiva teve forte relação com a educação e a satisfação financeira, diferentemente da alfabetização financeira objetiva, que apresentou correlação mais fraca.

No estudo de Alves et al. (2011) foi avaliado o nível de educação financeira de alunos de uma universidade particular do Rio de Janeiro, sendo os resultados comparados com aqueles de uma pesquisa que analisou alunos norte-americanos na graduação. Segundo os resultados, os discentes da universidade brasileira foram classificados como tendo baixo nível de educação financeira (74%), quando comparados com os alunos norte-americanos da pesquisa analisada. Contudo, de modo geral, nos dois trabalhos o desempenho dos alunos foi baixo.

No Brasil, o tema é pouco discutido no âmbito do ensino, pois não havia até o ano de 2019 a inclusão oficial de educação financeira nas disciplinas escolares. No entanto, essa realidade pode mudar, uma vez a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) - que serve como referência para os currículos escolares brasileiros - estabeleceu que a educação financeira será parte integrante dos componentes curriculares obrigatórios a partir do ano de 2020, o que contribuir para a melhoria no nível de educação financeira da população brasileira. Em países como os Estados Unidos, a educação financeira está no foco de mediadores públicos e privados, como instituições governamentais e financeiras há mais tempo do que no Brasil. Eles apoiam a criação de medidas que promovem a educação financeira na vida das pessoas, como a inserção de finanças pessoais como matéria na grade curricular de alunos do ensino médio (Savoia et al., 2007). Quando comparada com a realidade de outros países, a abordagem dada ao conhecimento financeiro nos EUA mostra que a educação financeira podem causar impacto positivo na sociedade.

2.2 Variáveis que Influenciam o Nível de Educação Financeira (NEF)

Na Tabela 1 são apresentados estudos que mostram algumas das variáveis demográficas e socioeconômicas que impactam a educação financeira das pessoas. Percebe-se que em relação ao gênero, os resultados não são unânimes entre os estudos, uma vez que Gavurova, Huculova, Kubak e Cepel (2017) encontraram que mulheres tem níveis mais altos de educação financeira do que homens e Bucher-Koenen, Lusardi, Alessie e Rooij (2017) identificaram o contrário. Considerando que esses trabalhos utilizaram amostras de estudantes oriundos de cursos da área de negócios e, mesmo assim encontraram resultados divergentes, a necessidade de realizar testes por área de conhecimento é oportuna.

Acredita-se que quanto mais velho o indivíduo, maior o nível de educação financeira, porém alguns estudos não comprovaram essa relação (por exemplo, Huzdik et al., 2014; Vieira, Valcanover, Brutti, Trindade e Kegler, 2017). A ocupação é outro fator com resultados de pesquisa contraditórios. Esperava-se que o indivíduo que possui uma ocupação no mercado de trabalho tivesse maior conhecimento sobre educação financeira do que aquele que não trabalha. Porém, Potrich et al. (2015) não identificaram essa relação.

A renda, tanto pessoal quanto familiar, se destaca pela relação positiva com a educação financeira. Alguns autores apontam que pessoas com rendas maiores tendem a gerir melhor seus recursos e a ter um bom nível de educação financeira porque a escolaridade individual e familiar se associa ao rendimento (Claudino, Nunes & Silva, 2009; Lizote & Verdinelli, 2014; Potrich et al., 2015).

Tabela 1 - Síntese da relação entre o NEF e as variáveis individuais, demográficas e socioeconômicas

Variáveis	Relação com o NEF	Autores
Gênero	Positiva, para o gênero masculino.	Medeiros e Lopes (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2015); Farrell, Fry e Risse (2015); Gorla et al. (2016); Bahovec, Barbić e Palić (2017); Bucher-Koenen et al. (2017); Ergün (2017).
	Positiva, para o gênero feminino	Gavurova et al. (2017).
Idade	Negativa.	Huzdik, Béres e Németh (2014), Vieira et al. (2017); Ferreira (2017); Lopes et al. (2014); Silva, Costa e Oliveira, (2017);
	Positiva.	Farrell, Fry e Risse (2015); Gorla et al. (2016).
	Positiva, mas com pouca interferência.	Claudino, Nunes e Silva (2009).
Estado Civil	Negativa.	Claudino, Nunes e Silva (2009); Medeiros e Lopes (2014); Lopes et al. (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2015); Ferreira (2017).
Ocupação - Trabalho	Positiva	Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Lizote e Verdinelli (2014); Medeiros e Lopes (2014); Ferreira (2017).
	Negativa.	Potrich, Vieira e Kirch (2015).
Renda Pessoal	Positiva.	Claudino, Nunes e Silva (2009); Lizote e Verdinelli (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2015);
Renda Familiar	Positiva.	Potrich, Vieira e Kirch (2015); Ferreira (2017); Ergün (2017).
Mora com quem	Positiva – morar com os pais.	Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Lizote e Verdinelli (2014).
Característica da moradia	Positiva.	Ergün (2017).
Número de Dependentes	Positiva.	Potrich, Vieira e Kirch (2015).
Período em que estuda	Positiva.	Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Lizote e Verdinelli (2014); Gorla et al. (2016).
Notas	Positiva.	Cude et al. (2006).
Escolaridade	Positiva.	Claudino, Nunes e Silva (2009); Potrich, Vieira e Kirch (2015); Piccoli e Silva (2015); Ergün (2017).
Alunos do curso de Ciências Contábeis	Positiva.	Alves, Silva e Bressan (2011); Lizote e Verdinelli (2014); Medeiros e Lopes (2014); Dias (2017); Silva, Costa e Oliveira (2017).
Alunos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração	Positiva.	Vieira, Bataglia e Sereia (2011); Lopes et al. (2014).
Alunos de outros cursos	Positiva, porém cursos da área de negócios tiveram maior relação.	Ergün (2017).
Alunos de Pós-Graduação	Positiva.	Ergün (2017).
Endividamento	Positiva.	Claudino, Nunes e Silva (2009); Lizote e Verdinelli (2014); Ferreira (2017).

Fonte: Os autores

Achados na literatura indicam que a escolha de morar sozinho ou dividir a moradia com alguém reflete na vida financeira das pessoas. Estudos mostram que morar com os pais contribui para que haja menos empréstimos, uma vez que se tem a família como fonte geradora de renda (Lizote & Verdinelli, 2014; Vieira et al., 2011;). Quanto ao tipo de moradia, Ergün (2017) evidencia que pessoas que moram de aluguel têm um maior conhecimento sobre suas finanças pessoais. No entanto, há poucos estudos que abordam a relação dessa variável com o NEF.

A quantidade de dependentes que uma pessoa possui também é um fator de avaliação e correlação com a educação financeira. Quanto menos dependentes, mais propensa uma pessoa é de ter um nível mais alto de educação financeira (Potrich et al., 2015). Esse fato pode estar

diretamente atrelado à renda, pois uma maior quantidade de dependentes impactará na quantidade de renda recebida, bem como na necessidade de geri-la adequadamente.

Vieira et al. (2017) compararam os resultados dos alunos de ensino fundamental antes e depois da aplicação de um curso de educação financeira nas escolas escolhidas. Foi constatado que o curso supriu parte do conhecimento financeiro necessário para os alunos, como finanças em geral e questões sobre risco, crédito e débito. O que demonstra a necessidade de os alunos aprenderem desde mais novos sobre gestão financeira. Nessa linha de raciocínio, Batty, Collins & Odders-White (2014) identificaram que o conhecimento em educação financeira impacta o comportamento dos alunos de ensino fundamental.

Gorla et al. (2016) verificaram o grau de educação financeira quanto as características individuais, demográficas e sociais de 1.937 alunos do ensino médio de 14 escolas públicas da cidade de Blumenau. Após a análise dos resultados constatou-se que o planejamento financeiro dos alunos aumentava conforme avançavam nas séries do ensino médio. Estudantes que guardavam e gastavam os recursos conforme o planejado, em sua maioria, tinham renda familiar maior. No entanto, apresentaram baixo nível de educação financeira.

A formação acadêmica influencia o comportamento financeiro dos alunos universitários, interferindo nas atitudes quanto a poupança, consumo e investimento (Vieira et al., 2011). Além desse fator, os estudantes são diretamente influenciados pela condição socioeconômica de suas famílias (Cavdar & Aydin, 2015). Assim, é necessário que procurem obter o conhecimento financeiro, a fim de que evitem situações, por exemplo, em que tenham pouco entendimento sobre gestão de dívidas e venham a contrair empréstimos como última alternativa, como apresentado por McKinney, Mukherjee, Wade, Shefman e Breed (2015). Nessas situações, os alunos ficam vulneráveis para as ofertas de empréstimos, e os que não têm conhecimento sobre o assunto ou não têm boa gestão financeira, acabam por assumir dívidas que comprometem o orçamento individual e familiar (Ferreira, 2017).

Em muitos trabalhos a preocupação com a saúde financeira dos jovens universitários se estendeu para a análise de cursos específicos. Lizote e Verdinelli (2014), Dias (2017), Silva et al. (2017) e Medeiros e Lopes (2014) avaliaram se alunos do curso de Ciências Contábeis tinham um bom nível de educação financeira e se a formação acadêmica escolhida contribuía com gestão das finanças pessoais dos estudantes. Os resultados mostram que a maioria dos alunos não possuía dívidas, sabiam gerir suas finanças e que o curso contribuía com o aprendizado deles em educação financeira. Os achados confirmam o que é desejado dos alunos do referido curso, uma vez que se espera que sejam profissionais que saibam gerir tanto as finanças pessoais (Lizote & Verdinelli, 2014) quanto as empresariais (Dias, 2017).

Lopes et al. (2014) analisaram a educação financeira de alunos dos cursos da área de negócios - Ciências Contábeis, Economia e Administração. Quanto a atitude financeira, alunos do curso de Economia tiveram melhor desempenho, enquanto tanto no conhecimento financeiro quanto no nível geral de educação financeira os alunos de contabilidade apresentaram melhores notas.

Vieira et al. (2011) também analisaram os alunos de cursos da área de negócios. Eles encontraram que o período do curso em que eles estavam influenciou no nível de educação financeira dos mesmos, pois alunos dos períodos finais tiveram melhor desempenho quando comparados com os dos primeiros períodos. O mesmo ocorreu com as notas dos alunos, sendo que quanto maiores as notas obtidas, mais propenso o aluno era de ter maior nível de conhecimento financeiro (Cude et al., 2006).

Ergün (2017) mensurou o nível de educação financeira de universitários de nove países da Europa e comparou a relação do conhecimento financeiro e as características demográficas. Ele encontrou que dentre as áreas e cursos acadêmicos analisados, estudantes da área de negócios faziam boa gestão de suas finanças pessoais, bem como alunos doutorandos. Já no trabalho de Huzdik et al. (2014) não houve relação entre os cursos observados e a educação

financeira dos respondentes, embora a maioria fosse do curso de Economia, havendo também alunos dos cursos de Direito, Medicina, Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

Diante do exposto, nota-se que são poucos os estudos sobre a educação financeira de alunos de graduação e de pós-graduação de outros cursos, que vão além da área de negócios – Ciências Contábeis, Administração e Economia - relacionando as características demográficas e socioeconômicas dos estudantes. Assim, a presente pesquisa torna-se relevante na abordagem dos temas, a fim de reforçar a importância da educação financeira como conhecimento e como prática dos alunos universitários, para que contribuam com o equilíbrio financeiro individual e coletivo.

Desse modo, o presente trabalho levanta três hipóteses de pesquisa:

H₁: os discentes superestimam o nível de educação financeira que possuem.

H₂: o nível de educação financeira dos discentes possui relação positiva com o grau de escolaridade.

H₃: os estudantes de cursos da área de negócios possuem maior nível de educação financeira do que aqueles de outras áreas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é exploratória, com abordagem quantitativa. O levantamento foi realizado por meio de um questionário *online* com *link* enviado por e-mail para cursos de graduação e pós-graduação de todas as áreas de conhecimento de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Esse envio ocorreu nos meses de março e abril de 2019.

O questionário foi desenvolvido com base nos estudos abordados na Tabela 1. A validação do questionário foi realizada por meio de pré-teste com quatro estudantes, sendo que dois deles responderam presencialmente o questionário e dois responderam a versão *online*. As sugestões dos respondentes no pré-teste foram avaliadas e incorporadas na versão final do questionário. O questionário foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia e aprovado pelo mesmo.

O questionário é composto por duas partes. A primeira foi composta por 21 afirmações e buscou caracterizar o respondente quanto à aspectos pessoais, socioeconômicos e demográficos. A segunda parte possuía 32 afirmações sobre atitudes financeiras, em que os respondentes deveriam atribuir nota de 1 a 7 para cada afirmação, em que 1 significava discordo totalmente e 7, concordo totalmente. Os itens continham afirmações que mediam tanto o nível de educação financeira assumido pelos respondentes (percepção financeira) quanto o nível real de educação financeira dos mesmos.

Foram obtidas 748 respostas de alunos de graduação e pós-graduação de IES brasileiras ao questionário online. Entretanto, foram necessárias exclusões de respondentes com menos de 18 anos, por ser um requisito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexado ao questionário *online*. Também foram desconsideradas respostas de alunos de faculdades particulares, devido ao objetivo do presente estudo quanto a amostra requerida. Por fim, nas questões de atribuir nota de 1 a 7, as respostas que divergiram desse intervalo foram desconsideradas. Assim, para a análise de dados foram obtidas 727 respostas validadas.

O nível de educação financeira (NEF) foi medido de três formas: média da percepção dos estudantes (MP), média real (MR) e a média geral (MG). A MP é resultado da média das notas das questões AFP1 à AFP21, enquanto a MR é representada pela média das respostas para as questões AFR22 à AFR32. A média geral (MG) é resultado da média entre a MP e MR.

As questões relacionadas à AFP (5, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 17 e 18) e à AFR (22, 23, 24, 25, 27, 29 e 30) que afetam negativamente o NEF, precisaram ser transformadas para o cálculo das médias. Por exemplo, os estudantes deram nota de 1 a 7 para a questão “AFP5 - Faço uso de cheque especial”, sendo que 7 representa maior concordância com a afirmação e 1 o contrário.

Porém, o estudante que deu nota 7 para essa questão possui um menor NEF. Assim, para cálculo desse nível foi necessário inverter essa pontuação da seguinte forma: a resposta 7 foi transformada em 1 para mostrar o baixo NEF. Da mesma forma, a nota 6 foi transformada em 2 e assim por diante.

As respostas dos estudantes sobre qual curso estavam matriculados possibilitou o agrupamento em áreas de conhecimento conforme a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2014).

Os dados foram analisado por meio do programa *Stata 13*. A análise dos dados envolveu descritivas, testes de hipótese e regressão linear múltipla. O teste de normalidade univariado de Shapiro-Francia foi utilizado para avaliar a aplicabilidade de testes de hipótese paramétricos e não paramétricos aos respectivos dados (Fávero, Belfiore, Silva & Chan, 2009). Para os *outputs* que seguiram uma distribuição normal (p-valor > 0,05), empregou-se o teste *t* de *student* para comparação de médias, para os demais, utilizou-se o teste de *Kruskal-Wallis* para medianas.

Para investigar se os aspectos sociais, demográficos e econômicos influenciam o nível de educação financeira dos estudantes estabeleceu-se o modelo descrito na Equação 1 com base na literatura ilustrada na Tabela 1.

$$\begin{aligned} NEF_i = & \alpha_i + \beta_1 IDADE_i + \beta_2 SEXO_i + \beta_3 EC_i + \beta_4 AREA_i + \beta_5 GRAU_i + \beta_6 CRA_i + \beta_7 TRAB_i \\ & + \beta_8 RENDA_IND_i + \beta_9 RENDA_FAM_i + \beta_{10} MORA_i + \beta_{11} MORADIA_i \\ & + \beta_{12} NDEPEND_i \end{aligned} \quad (1)$$

A variável dependente é o nível de educação financeira (NEF), representado pelas médias de atitude financeira (MP: média das notas dadas pelos respondentes às questões AFP1 à AFP21; MR: média das notas dadas pelos respondentes às questões AFR22 à AF32; MG: média da MP e MR). Assim, esse modelo foi testado três vezes, alterando apenas a variável dependente (MP, MR e MG). A IDADE representa o número de anos dos respondentes. SEXO é uma variável *dummy* com valor 1, quando o gênero for masculino e 0, caso contrário. EC é uma variável *dummy* com valor 1 para o estado civil não solteiro e 0, caso contrário. ÁREA é uma variável *dummy* com 1 quando a área for Ciências Sociais Aplicadas e 0, caso contrário. GRAU é uma variável *dummy* com valor 1 quando for pós-graduação e 0, caso contrário. CRA representa a média das notas dos respondentes de acordo com a quantidade de períodos já cursados. TRAB é uma variável *dummy* com valor 1 quando for o estudante informou que trabalha e 0, caso contrário. RENDA_IND é uma variável *dummy* com valor 1 quando o estudante tem renda individual de até um salário mínimo e 0, caso contrário. RENDA_FAM é uma variável *dummy* com valor 1 quando a renda familiar do estudante for de até um salário mínimo e 0, caso contrário. MORA é uma variável *dummy* com valor 1 quando o estudante informou que mora com amigos e 0, caso contrário. MORADIA é uma variável *dummy* com valor 1 quando o estudante informou que não tem casa própria e 0, caso contrário. NDEPEND representa o número de dependentes que o respondente tem.

Os modelos não apresentaram problemas de multicolinearidade e heterocedasticidade, entretanto, o teste para normalidade indicou que os resíduos não seguem uma distribuição normal. Para corrigir o problema da não normalidade, foram rodados modelos de regressões robustas. Ainda, a correção dos *outliers* da amostra foi realizada por meio da *winsorização* das variáveis quantitativas, a um intervalo de confiança de 5%.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A média de idade dos 727 respondentes é de 25 anos. Esses respondentes moram em residências com 2,5 moradores em média e possuem 0,4 dependentes, em média. O CRA (índice que verifica a taxa de sucesso nas disciplinas cursadas, ver UFU, 2018) médio dos respondentes

foi aproximadamente 74 (pode variar de 0 a 100). A Tabela 2 ilustra a análise descritiva para as afirmações relacionadas à percepção dos discentes sobre o NEF. Percebe-se que o NEF, de acordo com a percepção dos estudantes é de 5,09 (MP).

Tabela 2 – Estatística Descritiva da Percepção do NEF

Educação Financeira – Percepção (AFP)	Sigla	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx
Tenho conhecimentos sobre a liquidez das aplicações financeiras	AFP1	727	3,60	2,09	1	4	7
Elaboro lista de compras de supermercado	AFP2	725	5,14	2,03	1	6	7
Uso adequadamente o cartão de crédito	AFP3	726	5,37	1,93	1	6	7
Faço planejamento financeiro	AFP4	726	4,89	1,99	1	5	7
Faço uso de cheque especial	AFP5	727	6,40	1,47	1	7	7
Tenho conhecimento da taxa de juros do cheque especial	AFP6	727	4,29	2,54	1	5	7
Normalmente pago o valor mínimo da fatura do cartão de crédito	AFP7	727	5,97	2,00	1	7	7
Tenho muitas dívidas	AFP8	727	6,06	1,66	1	7	7
Gasto mais do que ganho	AFP9	727	6,01	1,68	1	7	7
Tenho dívidas referentes a empréstimos obtidos	AFP10	727	6,39	1,52	1	7	7
Tenho conhecimento sobre educação financeira	AFP11	725	4,47	1,86	1	5	7
Aprendi sobre educação financeira na graduação	AFP12	725	2,46	1,95	1	1	7
Aprendi sobre educação financeira na pós-graduação	AFP13	727	1,33	1,08	1	1	7
Gasto praticamente tudo o que ganho, não costumo poupar	AFP14	727	5,11	2,13	1	6	7
Sou conservador(a), não me arrisco com investimentos para ganhar mais	AFP15	727	4,02	2,13	1	4	7
Costumo poupar parte da minha renda	AFP16	726	4,52	2,19	1	5	7
Sou desligado (a), não tenho controle sobre meus gastos	AFP17	718	5,89	1,70	1	7	7
Costumo guardar parte dos recursos que ganho, porém sem planos futuros	AFP18	718	5,01	1,93	1	5	7
Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado	AFP19	718	4,37	2,08	1	5	7
Os conhecimentos adquiridos no curso que faço me ajudam no meu controle financeiro	AFP20	718	2,89	2,14	1	2	7
Uso planilhas e/ou aplicativos para efetuar o meu planejamento e controle financeiro	AFP21	718	3,93	2,52	1	4	7
Média AF Percepção	MP	727	5,09	1,65	1	5	7

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; AF = atitude financeira; AFP = atitude financeira: percepção; MP = média das questões AFP a até AFP21.

É possível notar que das 32 afirmações, apenas três (AFP12, AFP13 e AFP20) apresentaram resultado inferior a 3,50 (metade da nota), sendo todas referentes a percepção da educação financeira. Na questão AFP12 (Aprendi sobre educação financeira na graduação), a média encontrada é de 2,46, indicando que este é um ambiente em que na percepção dos alunos a educação financeira não é um tema muito abordado. A afirmação AFP13 (Aprendi sobre educação financeira na pós-graduação), com média de 1,33 mostra que na percepção dos alunos o conteúdo de educação financeira não está sendo ensinado na pós-graduação.

Na Tabela 3 é apresentada a análise descritiva para as afirmações que compõem o nível real de educação financeira dos respondentes. Percebe-se que a MR de 5,39 é superior à MP de 5,09 (probabilidade de 0,003 no teste *Kruskal-Wallis*), resultando num nível médio de educação (MG) de 5,24 ($MR + MP / 2$). Esses resultados não corroboram àqueles encontrados por Huzdik et al. (2014) de que os estudantes possuem um nível de educação financeira subestimam o NEF que possuem. Esses autores encontraram que 11% dos estudantes subestimam o NEF e 30% superestimam esse nível. Neste estudo, a maioria dos estudantes subestimou o NEF, rejeitando

a hipótese H₁ de pesquisa. Além disso, percebe-se que os resultados são superiores a 3,50, metade da nota máxima (7) que poderia ser atribuída para cada questão, sugerindo um nível de educação financeira positivo para os respondentes.

Tabela 3 – Estatística Descritiva do NEF Real

Educação Financeira – Real (AFR)	Sigla	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx
Se eu comprar ações de uma empresa, passo a ser dono de parte da empresa e também a ser responsável por suas dívidas	AFR22	718	4,46	2,30	1	5	7
Se a taxa de juros (Selic) diminui, necessariamente o preço dos títulos também diminui	AFR23	718	4,81	2,03	1	5	7
Investimentos mais arriscados tendem a fornecer maior retorno ao longo do tempo	AFR24	718	3,81	2,20	1	4	7
Entre pagar a fatura do cartão de crédito e utilizar o limite do cheque especial, melhor optar por dever o cartão de crédito	AFR25	718	4,74	2,39	1	6	7
Quando a inflação do país aumenta, decai o poder de compra do consumidor	AFR26	718	5,88	1,74	1	7	7
Uma aplicação financeira que retorna 1% ao ano, mesmo que a inflação do período seja de 2%, será vantajosa para o investidor	AFR27	718	5,87	1,50	1	7	7
Os investimentos em ações são, normalmente, mais arriscados do que em títulos públicos	AFR28	718	5,14	2,06	1	6	7
A aplicação em poupança tem maior liquidez do que a aplicação em títulos públicos	AFR29	718	5,04	2,19	1	6	7
Títulos de capitalização são mais rentáveis que a aplicação em conta poupança	AFR30	718	3,67	2,22	1	4	7
Aplicação em títulos de liquidez imediata podem ser resgatados a qualquer tempo, sem prejuízo financeiro para o investidor	AFR31	718	3,74	2,18	1	4	7
Em geral, o investidor paga imposto sobre o rendimento obtido em aplicações financeiras	AFR32	718	4,93	2,15	1	6	7
Média Geral AF	MG	727	5,25	1,32	1	5	7
Média AF Real	MR	718	5,39	1,41	1	5,50	7

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; AF = atitude financeira; AFR = atitude financeira: real; MR = média das questões AFR22 até AFR32 ; MG = resultado da média da MP e MR.

As afirmações “Faço uso de cheque especial” (AFP5) e “Tenho dívidas referentes a empréstimos obtidos” (AFP10), foram as que apresentaram maior nota para a percepção da educação financeira. Essas questões tiveram seus resultados submetidos ao tratamento dos dados, tendo as pontuações invertidas. Assim, interpreta-se que quanto mais próximo da nota 7 maior o NEF, mesmo que a afirmação tenha um caráter “negativo”. Portanto, as médias 6,40 e 6,39, para as respectivas afirmações, mostram que a maioria dos alunos não fazem uso de cheque especial (empréstimos sem garantia, com elevadas taxas) e possuem poucas ou nenhuma dívida de empréstimos, indicando que sabem gerir as finanças e possuem bom NEF.

As afirmações “Quando a inflação do país aumenta, decai o poder de compra do consumidor” (AFR26) e “Uma aplicação financeira que retorna 1% ao ano, mesmo que a inflação do período seja de 2%, será vantajosa para o investidor” (AFR27), apresentaram maior nota para a educação financeira real. Com média de 5,88 para a AFR26, a maioria dos alunos demonstram ter um NED adequado, pois com o aumento da inflação o preço dos produtos também aumentam, diminuindo por sua vez o poder de compra do consumidor. A AFR27 também teve as notas substituídas pelo tratamento dos dados. Assim, a média 5,87 mostra que os estudantes conhecem sobre o retorno de um investimento dependendo da taxa.

Na Tabela 4 são apresentadas a média geral (MG), a média de percepção (MP) e a média real (MR) da atitude financeira para a Área de Conhecimento (CAPES, 2018).

Tabela 4 – Nível de Educação Financeira por Área de Conhecimento

Variáveis	Rótulos	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx
Área de Conhecimento	Ciências Agrárias						
	MG	42	5,03	1,41	1	5	7
	MP	42	4,85	1,99	1	5	7
	MR	42	5,14	1,50	2	5	7
	Ciências Biológicas						
	MG	8	5,37	1,40	4	5	7
	MP	8	5,62	1,50	3	6	7
	MR	8	5,37	1,50	4	5	7
	Ciências Exatas e da Terra						
	MG	98	5,32	1,49	1	5,50	7
	MP	98	5,14	1,71	1	6	7
	MR	97	5,52	1,43	1	6	7
	Ciências Humanas						
	MG	52	4,87	1,31	2	5	7
	MP	52	4,69	1,51	1	5	7
	MR	52	5,15	1,36	1	5	7
	Ciências da Saúde						
	MG	71	5,00	1,49	1	5	7
	MP	71	4,66	1,91	1	5	7
	MR	70	5,62	1,34	1	6	7
	Ciências Sociais Aplicadas						
	MG	322	5,40	1,21	2	5,50	7
	MP	322	5,33	1,49	1	6	7
	MR	315	5,36	1,43	1	5	7
	Engenharias						
	MG	94	5,31	1,22	2	5	7
	MP	94	5,12	1,64	1	5	7
MR	94	5,53	1,26	1	6	7	
Linguística, Letras e Artes							
MG	25	4,78	1,17	2,50	5	7	
MP	25	4,24	1,83	1	4	7	
MR	25	5,16	1,37	2	5	7	
Multidisciplinar							
MG	7	5,57	1,42	4	5,50	7	
MP	7	5,57	1,39	3	6	7	
MR	7	5,57	1,51	4	6	7	

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; MG = média geral da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira.

Para a área Multidisciplinar todas as médias apresentaram o mesmo resultado de 5,57, com mediana de 5,50 para a MG e 6 para a MR e para a MP, indicando que os respondentes tem um nível de educação financeira maior que 3,50 (metade da nota máxima). Apenas para a área Ciências Biológicas a MR (5,37) foi inferior à MP (5,62), indicando que alunos dessa área superestimam o seu conhecimento sobre educação financeira.

Ciências Sociais Aplicadas foi a área com maior número de respondentes (322), com MP 5,33 e MR de 5,36, ambas com valores superiores à metade da nota máxima (7). As médias confirmam o resultado esperado de alunos da área de negócios (Dias, 2017; Lizote & Verdinelli, 2014; Medeiros & Lopes, 2014; Silva et al., 2017), confirmando a hipótese H₃ do estudo. No entanto, a área Ciências da Saúde foi a que apresentou maior MR (5,62), indicando que os estudantes da área de negócios podem não possuir maior NEF.

Na Tabela 5, o item Conhecimento Financeiro, representa a questão: Como você adquiriu conhecimento sobre educação financeira? O estudante poderia marcar mais de uma alternativa para essa questão.

Tabela 5 – Como os estudantes obtiveram o conhecimento sobre Educação Financeira

Variáveis	Rótulos	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx
Conhecimento Financeiro	Amigos						
	MG	146	5,27	1,15	2	5	7
	MP	146	5,20	1,49	1	5	7
	MR	144	5,40	1,35	1	5,50	7
	Cursos Específicos						
	MG	148	5,86	1,11	1	6	7
	MP	148	5,89	1,23	1	6	7
	MR	146	5,56	1,42	1	6	7
	Família						
	MG	296	5,25	1,25	1	5	7
	MP	296	5,18	1,54	1	5	7
	MR	291	5,28	1,40	1	5	7
	Mídias Sociais						
	MG	299	5,56	1,25	1	6	7
	MP	299	5,42	1,49	1	6	7
	MR	297	5,59	1,38	1	6	7
	Prática do dia a dia						
	MG	393	5,38	1,27	1	5,50	7
	MP	393	5,31	1,60	1	6	7
	MR	391	5,35	1,35	1	5	7
	Revistas e Jornais						
	MG	167	5,47	1,24	1	5,50	7
	MP	167	5,40	1,52	1	6	7
	MR	166	5,58	1,42	1	6	7
	Trabalho						
	MG	200	5,40	1,29	1	5,50	7
	MP	200	5,32	1,59	1	6	7
	MR	198	5,40	1,27	2	5	7
	Televisão						
	MG	101	5,29	1,20	2	5	7
MP	101	5,30	1,54	1	5	7	
MR	101	5,39	1,38	1	6	7	
Universidade							
MG	267	5,56	1,15	2	6	7	
MP	267	5,58	1,33	1	6	7	
MR	262	5,42	1,40	1	5	7	
Não tenho conhecimento financeiro							
MG	48	4,18	1,461	1	4	7	
MP	48	3,39	1,842	1	3	7	
MR	47	5,17	1,565	1	5	7	

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; MG = média geral da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira.

A maioria dos estudantes declararam ter obtido conhecimento financeiro por meio de “Prática do dia a dia”, “Mídias Sociais” e a “Família”, com MR superior à MP, indicando que os alunos subestimam seu nível de educação financeira, que é maior do que o que é informado por eles. Nota-se também um número expressivo de alunos (267) diante da amostra da pesquisa que atribuíram a “Universidade” como fonte de conhecimento sobre finanças e apresentaram um bom NEF, com MG de 5,56. No entanto, os resultados mostram a MP (5,58) maior que a

MR (5,42), indicando que os alunos superavaliam o seu NEF, que é menor do que o esperado por eles. Os resultados corroboram com o que foi encontrado na Tabela 2 em que afirmações que mediam o quanto os alunos aprenderam sobre educação financeira na graduação e na pós-graduação mostraram que a Universidade, na percepção dos estudantes, poderia abordar mais o tema.

Na Tabela 6 foram apresentados os testes de mediana das características individuais, demográficas e socioeconômicas dos respondentes. Para a MR o NEF entre o sexo feminino e masculino foi diferente, indicando que o gênero masculino tem maior NEF do que o feminino, corroborando com os resultados encontrados por Medeiros e Lopes (2014), Potrich et al. (2015), Farrell et al. (2015), Gorla et al. (2016), Bahovec et al. (2017), Bucher-Koenen et al. (2017) e Ergün (2017). Por outro lado, a percepção do NEF das mulheres e homens não foi diferente. Esse resultado sugere que os homens subestima o seu conhecimento sobre educação financeira enquanto as mulheres não fazem isso.

Tabela 6 - Teste de média das Características Individuais, Demográficas e Socioeconômicas

Variáveis	Rótulos	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx	Kruskal-Wallis - Probabilidade		
								MG	MP	MR
Sexo	Feminino							0,027	0,193	0,001
	MG	439	5,16	1,31	1	5	7			
	MP	439	5,03	1,68	1	5	7			
	MR	432	5,24	1,40	1	5	7			
	Masculino									
	MG	288	5,38	1,31	1	5,50	7			
Estado Civil	Não é solteiro(a)							0,055	0,187	0,073
	MG	132	5,45	1,32	2	6	7			
	MP	132	5,23	1,71	1	6	7			
	MR	129	5,57	1,43	1	6	7			
	É solteiro(a)									
	MG	595	5,21	1,31	1	5	7			
Grau de escolaridade	Graduação							0,634	0,958	0,360
	MG	469	5,23	1,32	1	5	7			
	MP	469	5,09	1,65	1	5	7			
	MR	463	5,35	1,41	1	5	7			
	Pós-graduação									
	MG	258	5,29	1,31	1	5	7			
Trabalho	Sim							0,0002	0,001	0,258
	MG	337	5,45	1,26	1	5,50	7			
	MP	337	5,30	1,59	1	6	7			
	MR	333	5,46	1,37	1	6	7			
	Não									
	MG	390	5,08	1,34	1	5	7			
MP	390	4,91	1,69	1	5	7				
MR	385	5,32	1,43	1	5	7				

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; MG = média geral da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira.

A MP e a MR não foram estatisticamente diferentes entre os respondentes solteiros e os demais. Assim, o estado civil não diferenciou a amostra dos solteiros e não solteiros, resultado contrário ao que foi encontrado por Claudino et al. (2009), Medeiros e Lopes (2014), Lopes et al. (2014), Potrich et al. (2015) e Ferreira (2017).

De acordo com o resultado do teste de *Kruskal-Wallis*, não há diferença de nível de educação financeira entre os estudantes que estão cursando graduação e pós-graduação (p-valor > 0,05). Esse resultado é divergente daquele encontrado por Ergün (2017), em que alunos da pós-graduação demonstraram ter um NEF maior do que os de graduação. Essa diferença pode ser explicada devido ao fato de que enquanto o público alvo desta pesquisa são universitários brasileiros, o público do autor supracitado foi composto por universitários de países da Europa.

Quanto aos estudantes que trabalham ou não, os resultados mostram MP divergentes, sugerindo que os estudantes que possuem uma ocupação possuem NEF superior (5,30) àqueles que não trabalham (4,91). Os resultados corroboram os achados de Vieira et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Medeiros e Lopes (2014) e Ferreira (2017), que também encontraram influência do trabalho na educação financeira.

Na Tabela 6 são apresentados os resultados dos testes de regressão para a Equação 1. Percebe-se que as variáveis que afetam a MP, MR e MG são distintas, sugerindo os fatores que afetam a percepção dos estudantes sobre a educação financeira são diferentes daqueles que afetam o nível real. A área de conhecimento, o fato do estudante trabalhar e a renda individual são fatores que afetam positivamente a percepção dos estudantes sobre o nível de educação financeira (MP). Enquanto o sexo e o grau de escolaridade afetam a MR de educação financeira. Ressalta-se que o grau de escolaridade afeta negativamente a MR, indicando que estudantes pós-graduados tem menor nível de educação financeira real do que aqueles com grau de escolaridade inferior, rejeitando assim a hipótese H₂ este estudo.

De maneira geral (MG), a idade afeta negativamente o NEF dos estudantes, indicando que quanto menor a idade, maior o NEF geral dos estudantes na amostra. Estes resultados corroboram o que foi encontrado por Gorla et al. (2016), em que o NEF dos alunos estava relacionado com a idade dos mesmos.

Tabela 7 – Regressão Linear Múltipla – Equação 1

$$NEF_i = \alpha_i + \beta_1 IDADE_i + \beta_2 SEXO_i + \beta_3 EC_i + \beta_4 AREA_i + \beta_5 GRAU_i + \beta_6 CRA_i + \beta_7 TRAB_i + \beta_8 RENDA_IND_i + \beta_9 RENDA_FAM_i + \beta_{10} MORA_i + \beta_{11} MORADIA_i + \beta_{12} NDEPEND_i$$

Variáveis	Coef.	MG	MR	MP
Idade	β_1	-0,029 *	-0,013	-0,023
Sexo	β_2	0,267 *	0,681 ***	0,049
Estado Civil	β_3	-0,221	-0,172	-0,113
Área de Conhecimento	β_4	0,054	-0,063	0,135 **
Turno	β_5	-0,008	0,033	-0,080
Grau de Escolaridade	β_6	-0,147	-0,731 ***	-0,065
CRA	β_7	0,005	0,001	0,007
Trabalho	β_8	0,723 ***	0,059	0,914 ***
Renda Individual	β_9	0,142 ***	0,003	0,193 ***
Renda Familiar	β_{10}	0,048	-0,008	0,067
Mora com	β_{11}	0,017	0,005	0,011
Tipo de Moradia	β_{12}	-0,007	0,039	-0,037
Número de Dependente	β_{13}	-0,138	-0,121	-0,140
_cons		4,304 ***	7,477 ***	2,901
Observações		311	304	311
R2		0,116	0,076	0,115
F		3,699	2,303	2,736

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota. MG = média geral da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira. Significância: * p<.1; ** p<.05; *** p<.01.

Em relação ao Sexo, o coeficiente positivo desta variável, em que a categoria de interesse era o gênero masculino, indica que este gênero está associado a um maior nível de educação financeira, se comparado com o gênero feminino. Este achado corrobora aqueles identificados por de Medeiros e Lopes (2014), Potrich et al. (2015), Farrell et al. (2015), Gorla et al. (2016), Bahovec et al. (2017), Bucher-Koenen et al. (2017) e Ergün (2017).

A variável Trabalho (1 para quem trabalha e 0, para o contrário) está associada positivamente ao NEF geral dos estudantes (Tabela 7), indicando que o estudante que trabalha tem maior nível de educação financeira do que aquele que não trabalha (Tabela 6). Estes achados estão de acordo com Vieira et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Medeiros e Lopes (2014) e Ferreira (2017).

Por fim, a variável Renda individual está associada à um maior nível de educação financeira, indicando que estudantes com renda de até um salário mínimo apresentam maior NEF geral, na comparação com as demais categorias.

A variável Área de Conhecimento, *dummy* que tem como categoria de interesse a área de Ciências Sociais Aplicadas, apresentou coeficiente positivo, indicando que os alunos desta área se autoavaliam com maior NEF do que os alunos de outras áreas de conhecimento, sendo possível confirmar a hipótese H₃. Os resultados corroboram com o que foi encontrado por Ergün (2017), em que alunos da área de negócios demonstraram ter mais conhecimento financeiro quando comparado com alunos de outras áreas.

Trabalho e Renda individual mantiveram-se com coeficiente positivo no modelo explicativo de MP, reforçando a importância dessas variáveis para explicar o NEF dos estudantes da amostra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar se o grau de escolaridade, as áreas de conhecimento e os aspectos sociais, demográficos e socioeconômicos influenciam a educação financeira dos alunos de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário *online* composto por questões que buscaram medir o nível real e o nível de percepção da educação financeira dos respondentes. Participaram da pesquisa 727 discentes. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, testes de hipótese e regressão linear múltipla.

Os resultados mostraram que os estudantes possuem um nível relativamente alto (média geral de 5,25 de um total de 7 pontos) de educação financeira, sendo o Nível de educação financeira (NEF) real (média de 5,39) superior à percepção deles sobre esse item (5,09), indicando que os mesmos subestimam o conhecimento que possuem sobre o tema. Identificou-se dentre os fatores demográficos e socioeconômicos que a percepção dos estudantes sobre o NEF tem relação com: 1) trabalho – estudantes que trabalham possuem maior NEF; 2) área de conhecimento - estudantes da área de negócios possuem maior nível de educação financeira, e 3) renda individual – estudantes que possuem maior renda individual possuem maior NEF.

Quanto ao NEF real, os resultados mostram relação desse nível com: 1) sexo – estudantes do sexo masculino possuem maior conhecimento sobre educação financeira do que o feminino; 2) grau de escolaridade – estudantes de graduação possuem maior conhecimento financeiro do que os de pós-graduação.

Esses resultados permitem concluir que a percepção que os discentes possuem do seu nível de educação financeira é diferente do conhecimento que eles possuem sobre o tema. Dessa forma, as pesquisas que avaliam a percepção dos estudantes podem chegar à conclusões equivocadas sobre o real nível de educação financeira dos indivíduos e sobre os fatores socioeconômicos e demográficos que afetam esse nível.

O fato dos resultados da pesquisa evidenciarem que graduandos possuem mais conhecimentos sobre educação financeira do que pós-graduandos e que, na percepção dos estudantes, a universidade não tem sido uma fonte de aprendizado sobre o tema revela a necessidade das instituições de ensino superior avaliarem a eficácia das ações desenvolvidas nas instituições e no planejamento de futuras atividades sobre educação financeira.

Estudos futuros podem utilizar outras formas de mensurar o nível de educação financeira e também realizar testes com discentes de instituições privadas. O acompanhamento de um grupo de estudantes desde o ensino médio até a pós-graduação, um experimento longitudinal, também pode trazer resultados relevantes para o entendimento do tema.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. A., Silva, J. S., & Bressan, A. A. (2011) Educação Financeira de Discentes em Ciências Contábeis: Diagnóstico e Comparação com Universitários Norte-Americanos. In: Anais do II Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <http://adcont.net/index.php/adcont/adcont2011/paper/viewFile/384/59>
- Bahovec, V., Barbic, D., & Palic, I. (2017). The Regression Analysis of Individual Financial Performance: Evidence from Croatia. *Business Systems Research Journal*, 8(2), 1-13. <http://dx.doi.org/10.1515/bsrj-2017-0012>.
- Batty, M., Collins, J. M., & Odders-White, E. (2014). Experimental Evidence on the Effects of Financial Education on Elementary School Students' Knowledge, Behavior, and Attitudes. *The Journal Of Consumer Affairs*, 49(1), 69-96. <https://doi.org/10.1111/joca.12058>
- Bodvarsson, O. B., & Walker, R. L. (2004). Do parental cash transfers weaken performance in college? *Economics of Education Review*, 23(5), 483-495. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2003.11.009>.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). (2018). Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, (3). Recuperado de: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pesquisar?q=Educa%C3%A7%C3%A3o%20financeira>.
- Bucher-Koenen, T., Lusardi, A., Alessie, R., & Rooij, M. V. (2016) How Financially Literate Are Women? An Overview and New Insights. *Journal Of Consumer Affairs*, 51(2), 255-283. <https://doi.org/10.1111/joca.12121>
- CAPES (2018). *Áreas de Conhecimento*. Fundação Capes. Recuperado de <https://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>
- Cavdar, S. C., & Aydin, A. D. (2015). An Experimental Study on Relationship between Student Socio-Economic Profile, Financial Literacy, Student Satisfaction and Innovation within the Framework of TQM. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 195, 739-748. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.06.466>

- Cerbasi, G. P. (2005) *Dinheiro, os segredos de quem tem: Como conquistar e manter sua independência financeira* (Cap. 1, pp. 21-40). São Paulo: Editora Gente.
- Claudino, L. P., Nunes, M. B., & Da Silva, F. C. (2009). Finanças pessoais: Um estudo de caso com servidores públicos. In: XII Seminário USP de Administração. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de http://sistema.semead.com.br/12semead/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=724
- Costa, C. M., & Miranda, C. J. (2013). Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 3(3), 57-74. <http://dx.doi.org/10.18028/rgfc.v3i3.377>
- Cude, B. J., Lawrence, F. C., Lyons, A. C., Metzger, K., Lejeune, E., Marks, L., & Machtmes, K. (2006). College students and financial literacy: What they know and what we need to learn. Conference of the Eastern Family Economics and Resource Management Association. Recuperado de <http://www.fermascholar.org/wp-content/uploads/2013/07/22-college-students-and-fin-literacy.pdf>
- Dias, L. O. (2017) A contribuição do curso de Ciências Contábeis para a gestão financeira pessoal (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Goiânia – UFG, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/12277/2/TCCG%20%20Ci%20c%20aancias%20Cont%20%20albeis%20-%20Lucas%20de%20Oliveira%20Dias%20-%20202017>
- Ergün, K. (2017). Financial literacy among university students: A study in eight European countries. *International Journal Of Consumer Studies*, 42(1), 2-15. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12408>
- Farrell, L., Fry, T. R. L., & Risse, L. (2015) The significance of financial self-efficacy in explaining women's personal finance behaviour. *Journal Of Economic Psychology*, 85-99. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2015.07.001>
- Fávero, L. P. L., Belfiore, P., Silva, F. L., & Chan, B. L. (2009). Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões, (11a ed., Cap. 3, pp. 52-57; Cap.5, pp. 110-180). Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda.
- Felipe, F. M. P., Oliveira, T. P., & Botinha, R. A. (2016). Educação Financeira: um Mapeamento das Discussões nos Ambientes Acadêmicos de Ciências Contábeis no Horizonte Temporal de 2005 a 2014. *Revista de Auditoria, Governança e Contabilidade*, 4(13), 1-14.
- Ferreira, M. T. L. (2017). O nível de educação financeira e finanças pessoais dos alunos da Universidade Federal de Uberlândia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19485/4/NivelEducacaoFinanceira.pdf>
- Gavurova, B., Huculova, E., Kubak, M., & Cepel, M. (2017). The State of Students' Financial Literacy in Selected Slovak universities and its Relationship with Active Pension Savings. *Economics & Sociology*, 10(3), 206-219. <http://dx.doi.org/10.14254/2071-789X.2017/10-3/15>

- Gorla, M. C., Magro, C. B. D., Silva, T. P., & Nakamura, W. T. (2016). A Educação Financeira dos Estudantes do Ensino Médio de Rede Pública segundo aspectos Individuais, Demográficos e de Socialização. In: Anais do XVI International Conference in Accounting. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://congressosp.fipecafi.org/anais/artigos162016/299.pdf>
- Huzdik, K., Béres, D., & Németh, E. (2014). An Empirical Study of Financial Literacy versus Risk Tolerance Among Higher Education Students. *Econpapers*, 59(4), 444-456.
- Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2014). Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: Anais XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade.
- Lopes, A. V., Badio, C. A., Coimbra, J. C. M., Pozzan, L., & Biazoto, R. P. (2014). Alfabetização financeira dos alunos dos cursos de Administração de Empresas, Economia e Ciências Contábeis da FECAP. *Revista Linceu On-line*, 4(5), 53-71.
- Mckinney, L., Mukherjee, M., Wade, J., & Shefman, P. (2015). Community College Students' Assessments of the Costs and Benefits of Borrowing to Finance Higher Education. *Sage Publishing*, 43(4), 329-354. <https://doi.org/10.1177/0091552115594669>
- Medeiros, F. S. B., & Lopes, T. A. M. (2014). Finanças Pessoais: Um estudo com alunos do curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria - RS. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 7(2). <http://dx.doi.org/10.19177/reen.v7e22014221-251>
- Peng, T. C. M., Bartholomae, S., Fox, J. J., & Cravener, G. (2007). The Impact of Personal Finance Education Delivered in High School and College Courses. *Journal of Family and Economic Issues*, 28, 265-284. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9058-7>
- Piccoli, M. R., & Silva, T. P. (2015). Análise do Nível de Educação em Gestão Financeira dos Funcionários de uma Instituição de Ensino Superior. *Revista Economia & Gestão*, 15(41), 112-144. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2015v15n41p112>
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201501040>
- Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6), 1121-1141.
- Silva, G. T., Costa, J. L. F., & Oliveira, A. P. V. D. (2007). Finanças Pessoais: Um Estudo Sobre a Educação Financeira dos Alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Pará de Minas - FAPAM, Pará de Minas, MG, Brasil.
- Universidade Federal de Uberlândia (2018). Guia Acadêmico: Engenharia de Computação [PDF]. Recuperado de

- Vieira, K. M., Valcanover, V. M., Brutti, F., Trindade, C. R., & Kegler, J. J. (2017). Aprendendo Finanças de Um Jeito Fácil e Divertido: Uma experiência com estudantes de escolas públicas. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, 12(2), 845-861. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n2.8479>
- Vieira, S. F. A., Bataglia, R.T.M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná. *Revista de Administração da Unimep*, 9(3), 61-86.
- Xiao, J. J., & Porto, N. (2017). Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. *International Journal Of Bank Marketing*, 35(5), 805-817. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0009>